



O Sentido Moral presente no Ensaio “*Da Superstição e do Entusiasmo*”, de David Hume

Laiz Fidelis Ribeiro¹

Mateus Aragão da Cunha²

Resumo

Para David Hume a religião, se tivesse algum papel a desempenhar, seria o de corromper a natureza humana e perturbar a harmonia social em vez de contribuir para a própria moralidade. Na interpretação do filósofo as crenças religiosas levam à degradação da conduta humana, reconhecendo que elas geram dois efeitos perniciosos: a Superstição e o Entusiasmo. A nossa problematização é: por que para Hume é uma consequência necessária da religião as suas corrupções para moralidade, mesmo quando prega tantas virtudes? Para respondermos a presente problemática utilizaremos o ensaio *Da Superstição e do Entusiasmo* e a obra *Tratado da natureza humana*.

Palavras-chave: Superstição; Entusiasmo; Formas perniciosas; Moralidade.

The Moral Sense present in the Essay “*Of Superstition and Enthusiasm*”, by David Hume

Abstract

For David Hume, if religion had any role to play, it would be to corrupt human nature and disturb social harmony instead of contributing to morality itself. In Hume’s interpretation, religious beliefs lead to the degradation of human conduct, recognizing that they generate two pernicious effects: Superstition and Enthusiasm. Our

¹ Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará. Mestra em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará. E-mail: laizfidelis07@gmail.com

² Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará. Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará. E-mail: mateusaragao97@gmail.com



problematization is: why, for Hume, is its corruptions a necessary consequence of religion, for morality, even when it preaches so many virtues? To answer this problem, we will use the essay *On Superstition and Enthusiasm* and the work *Treatise of Human Nature*.

Keywords: Superstition; Enthusiasm; Pernicious forms; Morality.

Introdução

Os ensaios humeanos, foram tão bem articulados que, a partir de sua leitura, conseguimos observar como o autor compreendia os seres humanos em sociedade, no seu aspecto pragmático. Exemplo disto é que, em sua escrita ensaística, preocupou-se com a questão dos partidos políticos e do fanatismo que prejudicavam o progresso e a evolução das sociedades. Hume compreendia que a opinião pública estava crescendo muito na Inglaterra (FILHO, 2019), por esta razão acreditou que tratar sobre questões que tinham por fundamento essas opiniões seria de grande importância. O filósofo tinha completa consciência de que os conflitos políticos de seu tempo estavam entrelaçados, principalmente, nas opiniões religiosas.

Segundo a interpretação de Filho (2019), Hume acreditava que este seria o motivo pelo qual a sociedade estava em conflito, em vista de que essas opiniões estavam ligadas a um fanatismo religioso, “Hume tinha consciência das implicações políticas das lutas de opinião. Além de colocar em risco a estabilidade do governo, essas poderiam gerar o *fanatismo* e acender a chama da revolução”, ele acreditava que a superstição e o entusiasmo eram a causa por trás da luta política que acontecia entre os *tories* e *whig* na Inglaterra:

“Hume tinha aversão à superstição e ao entusiasmo, estados de espírito que estavam por trás da luta política entre os *tories* e *whigs* na Inglaterra moderna.” Nos ensaios, *Do contrato original* e *Da obediência passiva*, Hume (1963) tece críticas aos políticos conservadores *tories*, defensores da irrestrita obediência passiva, segundo a qual a autoridade deve ser respeitada e deve ser assimilada pelos súditos em qualquer circunstância (FILHO, 2019, p. 15, grifo nosso).

Sobre este problema Hume se dedica à escrita de um ensaio que vai ter como preocupação central essas formas de fanatismo que era a base desses conflitos políticos, a saber: *Da Superstição e do Entusiasmo*, no qual Hume descreve de forma geral a

causa desse fanatismo e o motivo que leva os indivíduos a praticarem “guerras, perseguições, tumultos e arroubos na sociedade”.

Dado isso, pretendemos analisar este ensaio em específico apreendendo o seu conteúdo moral, correspondente à filosofia fácil, e teórico, correspondente à filosofia abstrusa, e estética, correspondente à escrita ensaística. No que diz a estas três áreas, acreditamos que o conceito de simpatia tem o papel central para a escrita dos ensaios cuja função é a de uni-las. Por isso, assumiremos a hipótese de que as formas de religião falsa, ou seja, a superstição e o entusiasmo, “dissolvem o cimento da sociedade”, ou seja, de reforçar a separação no seio dela distinguindo de maneira intransponível os letrados daqueles do convívio social.

Para nossa pesquisa utilizamos como obras centrais: *Tratado da Natureza Humana* para explicarmos os principais conceitos filosóficos de Hume, e os principais conceitos que ele aplicou na escrita ensaística. Também utilizaremos o Tratado para explicar alguns princípios que são responsáveis por causar as formas corruptivas da religião. Utilizaremos o ensaio *Da Superstição e do Entusiasmo*, para explicar como Hume vai esclarecer, de maneira geral, a causa dos fenômenos da superstição e do entusiasmo, seus efeitos e como elas conseguem corromper a natureza humana. E caso necessário as obras *Diálogos sobre a Religião Natural* e *História Natural da Religião* que, por sua vez, trazem alguns apontamentos sobre os efeitos perniciosos da superstição e do entusiasmo.

1. Os fenômenos da falsa religião

O ensaio *Da superstição e do entusiasmo* inicia-se com a máxima de que “*A corrupção do que há de melhor produz o que há de pior*” (HUME, 2008, p. 51, grifo do autor). Tem como referência os efeitos perniciosos e corruptivos das falsas religiões, ou melhor, que seus efeitos destroem o que há de melhor nos indivíduos produzindo sujeitos que serão os piores para os outros, em particular, e para a sociedade como um todo. A causa dessas duas espécies de falsa religião origina-se da seguinte maneira: em muitas circunstâncias a mente de muitos Homens encontra-se sujeitas a certos terrores e aflições, que surgem de forma completamente incompreensível ao longo de suas vidas. Esses terrores e aflições são: doenças, perdas dos seus bens materiais, catástrofes naturais, o medo da morte, melancolia, entre outros males. Quando afetados por todas estas circunstâncias, a mente desses indivíduos fica repleta de várias inseguranças nos

quais eles não possuem poder e são vascolejados como se fossem marionetes movidas por forças alheias. Por este motivo, acabam acreditando que existiriam agentes ocultos e que eles seriam os responsáveis pela existência desses males que tanto os assombram. Como explica Hume:

A mente do homem está sujeita a certos terrores e apreensões incompreensíveis, que podem proceder de situações infelizes nos lúgubre e melancólica ou ainda da concorrência de todas essas circunstâncias. Nesse estado da mente, receiam-se infinitos males desconhecidos de agentes desconhecidos. Na ausência de reais objetos de terror a alma, agindo em seu próprio prejuízo e fomentando sua inclinação predominante, descobre objetos imaginários, de um poder e malevolência sem limites (HUME,2008, p. 51).

Por falta de objetos reais que possam ser determinados como causadores de todas essas circunstâncias que assombram a mente dos indivíduos, eles passam a acreditar na existência de objetos imaginários criados com o objetivo de serem a resposta para tais causas que lhes parecem desconhecidas. Segundo Hume, a maneira pela qual poderia explicar o que exatamente leva a mente desses indivíduos a encontrar-se neste estado, seria quando essas mentes estariam sendo afetadas por paixões acompanhadas de ignorância. Por conseguinte, a superstição se caracteriza desta maneira: em que certas paixões interligadas à ignorância é o que a produz, assim, as paixões de medo, melancolia, assim como por uma fraqueza e fragilidade, juntamente com uma ignorância seria a causa por trás da superstição. Ou seja, quando afetados por tudo que lhes proporciona medo, insegurança, instabilidade, ou qualquer coisa que possa lhes perturbar a alma juntamente com uma ignorância tornam os indivíduos supersticiosos.

Há outro estado no qual a mente encontra-se sujeita a uma grande elevação, nele os indivíduos acreditam que são superiores aos outros, criam opiniões exageradas e lisonjeiras sobre si mesmos. Acham que são prósperos, que têm abundância de saúde, portadores de alguns bens ou riqueza, como se não pertencessem a este plano. Quando a mente destes indivíduos fica repleta por estas concepções de grandiosidade, sua imaginação fica tão cheia de concepções de esplendor que as coisas que fazem parte da realidade são vistas por esta mente como indigna de atenção. Como afirma Hume:

A mente do homem também está, todavia, sujeita a uma elevação e presunção incompreensíveis, que surgem de prosperidade, saúde exuberante, espíritos fortes, de uma disposição robusta e confiante. Neste estado da mente, a imaginação é inflada por concepções grandiosas, mas confusas, às quais não pode corresponder beleza ou contentamento sublunar algum. A *fantasia* pode

correr solta nas regiões invisíveis ou no mundo dos espíritos, onde a alma está livre para se entregar a qualquer imaginação que convenha melhor ao seu presente gosto e disposição (HUME, 2008, p. 51-52, *itálico nosso*).

Neste estado a mente, como explica Hume, devido às fantasias desses indivíduos acredita em concepções imaginativas, principalmente se estas concepções parecem agradáveis. De acordo com ele, quando a mente se encontra neste estado os indivíduos são afetados pelas paixões de “Esperança, orgulho, presunção e uma imaginação ardente juntamente com uma ignorância” e afirma que esta é “a verdadeira fonte do entusiasmo” (HUME, 2008, p. 52). No final do parágrafo, na mesma maneira que na superstição, o entusiasmo se caracteriza por ser o resultado de certas paixões acompanhadas de ignorância.

À guisa de conclusão, como podemos observar, destacou-se aqui que as paixões de fraqueza, medo, melancolia são fontes da superstição e as paixões de esperança, orgulho e presunção são fonte do entusiasmo ambos os fenômenos acompanhados de ignorância. Investigaremos qual a origem destas paixões e porque apenas elas foram destacadas por Hume como essenciais para fonte do entusiasmo e da superstição.

1.2 As paixões

Hume inicia sua concepção de paixão afirmando em sua obra *Tratado da natureza humana*, livro II, na seção intitulada “*Dos motivos que influenciam a Vontade*”, que “uma paixão é completamente uma existência original” (T, Livro II, Parte III, Seção III, p. 451)³ e faz tal afirmação para que seu leitor possa compreender que não existe qualquer qualidade que possa lhe ser anterior, representá-la ou ser cópia dela, como explica:

Uma paixão é uma existência original [...] não contém nenhuma qualidade representativa que a torne cópia de outra existência ou modificação. Quando tenho raiva, estou realmente possuído por essa paixão; e, com essa emoção, não tenho mais referência a um outro objeto do que quando estou com sede, ou doente, ou quando tenho mais de cinco pés de altura (T, Livro II, Parte III, Seção III, p. 451).

Hume, além de explicar que uma paixão é original e que não há nada anterior a ela, vai examinar e dividir as paixões humanas de duas maneiras: diretas e indiretas. E

³ Para citarmos a obra *Tratado da natureza humana*, utilizaremos a referência canônica que consiste em: T, livro, parte, seção, página.

explica sua divisão da seguinte maneira: “Por paixões diretas entendo as que surgem imediatamente do bem ou do mal, da dor ou do prazer. Por indiretas, as que procedem dos mesmos princípios, mas pela conjunção de outras qualidades” (T, Livro II, Parte I, Seção I, p. 311). As paixões diretas são aquelas que se originam a partir do bem e do mal, do que proporciona prazer ou dor, sua origem vai ser dada a partir do contato direto entre os indivíduos e objetos que estão ao seu redor. Como ressalta Dias:

[...] não existe ninguém que não seja afetado pela felicidade ou desgraça de alguém que esteja próximo de nós. É preciso que as pessoas com quem nos importamos estejam relacionados de algum modo conosco. então ele responde que o motivo natural que move as ações humanas é a simpatia” (DIAS, 2021, p. 136).

As paixões desse tipo são as de desejo e aversão, tristeza e alegria, esperança e medo, desespero e confiança. Iniciando pela paixão direta, quando o bem for certo e viável, a paixão que será produzida é a alegria, mas quando o mal for certo ou viável a paixão que será produzida é a tristeza. Quando o bem e o mal aparentam incerteza, as paixões que são produzidas são o medo e a esperança, já o desejo é resultado do bem e a aversão é resultado do mal. Já a vontade é causada quando o bem e a ausência do mal são alcançados por meio de uma ação mental ou corporal, como explica Hume:

Quando o bem é certo ou provável, produz a ALEGRIA. Quando é o mal que se encontra nessa situação, surge a TRISTEZA ou o PESAR. Quando o bem ou o mal são incertos, dão origem ao MEDO ou à ESPERANÇA, segundo os graus de incerteza de um lado ou de outro. O DESEJO resulta do bem considerado simplesmente enquanto tal, e a AVERSÃO deveria do mal. A VONTADE se exerce quando ou o bem ou a ausência de mal podem ser alcançados por meio de uma ação da mente ou do corpo (T, Livro II, Parte III, Seção IX, p. 475, grifos do autor).

As paixões diretas originam-se regularmente de um impulso natural ou pressentimento completamente inexplicáveis, e afirma que podemos observar um exemplo disto quando desejamos uma punição àqueles que são nossos inimigos, ou quando desejamos a felicidade daqueles que consideramos amigos, ou alguns desejos e apetites como é no caso da fome, da sede, sono, entre outros. Como explica Hume:

Além do bem e do mal, ou, em outras palavras, da dor ou prazer, as paixões diretas surgem frequentemente de um impulso natural ou instinto, inteiramente inexplicável. Desse gênero é o desejo da punição dos nossos inimigos, e da felicidade de nossos amigos; e também da fome, o desejo carnal e alguns outros apetites corpóreos (T, Livro II, Parte III, Seção IX, p. 475).

As paixões indiretas também derivam do bem e do mal, da dor e do prazer, mas também contam com a junção de algumas qualidades para sua produção. Segundo Hume, as paixões indiretas são “[...] o orgulho, a humildade, a ambição, a vaidade, o amor, o ódio, a inveja, a piedade, a malevolência, a generosidade, juntamente com as que delas dependem” (T, Livro II, Parte I, Seção I, p. 311). Segundo a interpretação de Mascarenhas (2005), Hume não explica como cada uma das paixões indiretas são produzidas, apenas destaca entre elas as paixões de orgulho e humildade, amor e raiva e explica que o orgulho e a humildade são paixões completamente contrárias, mas que dispõem da mesma causa para existirem e esta causa é o próprio indivíduo.

Mascarenhas (2005) explica que, segundo o pensamento humeano, essas paixões sempre serão produzidas de acordo com o fluxo de percepções que existem. É apenas por causa das ideias que temos em nosso entendimento, *ideias estas de si mesmos*, que estas paixões são produzidas, por exemplo: quando um indivíduo tem uma ideia de si mesmo, e esta ideia relaciona-se com algo que é visto por este próprio indivíduo como corajoso, promissor, benéfico, bom e etc. Logo a paixão que irá surgir é a de orgulho. Todas as ideias que se demonstra como contrárias a estas fazem surgir a Humildade, como esclarece Hume: “Toda qualidade mental de valor, seja da imaginação, do juízo, da memória ou do temperamento- espírito, bom-senso, erudição, coragem, justiça, integridade-, todas são causa de orgulho; e seus opostos, de humildade” (T, Livro II, Parte I, Seção II, p. 313). As paixões indiretas⁴ também podem ser divididas em dois tipos, a saber: calmas e violentas. As do primeiro tipo, são aquelas que derivam dos sentimentos do belo e do feio produzidas a partir das ações e dos objetos externos. As do segundo tipo originam-se de paixões como amor, ódio, tristeza, alegria, humildade e orgulho, medo e esperança, como explica Hume:

[...] podem ser divididas de em dois tipos: as calmas e as violentas. Do primeiro tipo são o sentimento [*sense*] do belo e do feio nas ações, composições artísticas e objetos externos. Do segundo são as paixões de amor e ódio, pensar e alegria, orgulho e humildade. Esta divisão está longe de ser exata (T, Livro II, Parte I, Seção II, p. 310).

É necessário ressaltar que as paixões do medo, tristeza, orgulho, humildade, alegria e esperança, são mais violentas que as emoções que derivam da beleza e da deformidade. É necessário distingui-las, porque apesar das paixões calmas terem uma

⁴ Segundo a interpretação de Mascarenhas, Hume utiliza-se muitas vezes de outras palavras ao tratar das paixões, a saber: afetos, sentimentos e impressões.

grande frequência em direcionar à vontade, as paixões violentas conseguem ter uma influência muito maior sobre ela. Se quisermos governar e conduzir as ações dos indivíduos, segundo o pensamento humeano, a melhor estratégia seria trabalhar em cima das paixões violentas em vez das calmas, como afirma “[...] o certo é que, se queremos governar um homem e induzi-lo a praticar uma ação, geralmente a melhor estratégia é trabalhar as paixões violentas em vez das calmas, e dominá-lo antes por sua inclinação que por aquilo que vulgarmente se chama sua *razão*” (T, Livro II, Parte III, Seção IV, p. 454-455, grifo do autor)⁵. Hume destaca haver uma importância acerca das paixões calmas e violentas, já que as duas podem conduzir à vontade, por esta razão é necessário que examinemos a fundo quais as situações dos objetos externos, para que se possa compreender como eles afetam o entendimento. É com o conhecimento de como estes corpos externos afetam a mente que poderemos distinguir e compreender se a paixão é calma ou violenta.

Hume explica que existem circunstâncias nas quais podemos nos deparar com paixões que já haviam sido produzidas na mente, e que podem ser explicadas por experiências anteriores, então quando uma mesma experiência ocorre novamente é normal que lembremos que anteriormente estas experiências proporcionavam determinada paixão, e isso ocorre facilmente (como destacamos anteriormente) por causa do costume e hábito, mas que agora proporciona outras. Nada impede que estas paixões possam se misturar ou se unir, nesta mistura a paixão predominante, ou seja a mais forte, absorve a inferior e a transforma em si mesma. As paixões conseguem naturalmente se transformar umas nas outras, mas este movimento só pode ocorrer quando duas paixões estiverem presentes ao mesmo tempo na mente e quando esta transformação ocorre, a paixão torna-se mais forte e violenta, mas é necessário ressaltarmos que isso só ocorre quando não há nenhuma oposição entre elas, como explica Hume:

Pois observa-se que a oposição entre duas paixões causa comumente uma nova emoção nos espíritos animais, produzindo mais desordem que o concurso de dois afetos de força igual. Essa nova emoção se converte facilmente na paixão predominante e eleva sua violência para além do grau que esta teria alcançado se não houvesse sofrido nenhuma oposição (T, Livro II, Parte III, Seção IV, p. 456-457).

⁵ Sobre esta interpretação das paixões e razão ler *São os Seres Humanos robôs* humeanos? (2022), no qual ressalta uma interpretação contemporânea sobre a razão ter escolha ou não sobre as ações.

A mente encontra-se agitada ao fazer esta rápida passagem entre uma paixão e outra, principalmente porque existem uma variedade de paixões; por este motivo, ela acaba transferindo a esta paixão predominante, esta agitação. Em virtude disto, quando uma paixão se transforma em outra, ela adquire mais força e violência, e por ser mais forte e violenta consegue de maneira mais fácil influenciar a vontade. Como esclarece Hume:

Uma vez que as paixões apesar de independentes, transformam-se naturalmente umas nas outras quando estão presentes ao mesmo tempo, segue-se que, quando o bem e o mal estão situados de maneira a causar uma emoção particular, além de sua paixão direta de desejo ou aversão, esta última paixão deve adquirir mais força e violência (T, Livro II, Parte III, Seção IV, p. 456).

E como explicamos anteriormente, as paixões violentas costumam ser as que mais influenciam à vontade, ou seja, quanto maior for o grau de sua força e violência mais influência esta paixão terá sobre a vontade. As paixões violentas, por terem mais força e violência consegue influenciar e direcionar as ações humanas. Hume destacou estas paixões como as de medo, esperança, orgulho, humildade, paixões estas que são claramente as que fazem parte das duas formas corruptivas da religião: a superstição e o entusiasmo.

1.3 A imaginação

Segundo a filosofia humeana, as percepções da mente se reduzem a dois gêneros, nomeadas como impressões e ideias, e o que vai diferenciar as impressões das ideias é a intensidade da força e vividez com a qual atingem a mente. As impressões entram na mente com mais força e vividez, as ideias são as fracas imagens que temos no pensamento e no raciocínio dessas impressões. Hume em sua obra *Tratado da natureza humana*, Livro I, Parte I, Seção III, intitulada “*Das ideias da memória e da imaginação*”, afirma que as ideias podem se apresentar à mente com maior ou menor grau de força e vividez e isto ocorre por causa da seguinte situação:

Pela experiência vemos que, quando uma determinada impressão esteve presente na mente, ela ali reaparece sob a forma de uma ideia, o que pode se dar de duas maneiras diferentes; ou ela retém, em sua nova aparição, um grau considerável de sua vividez original, constituindo-se em uma espécie de intermediário entre uma impressão e uma ideia; ou perde inteiramente aquela vividez, tornando-se uma perfeita ideia. A faculdade pela qual repetimos nossas impressões da primeira maneira se chama MEMÓRIA, e a outra, IMAGINAÇÃO (T, Livro I, Parte I, Seção III, p. 32-33, grifos do autor).

Hume explica que quando uma ideia consegue aparecer na mente com um grau considerável de vividez esta ideia é nomeada como ideia da memória, mas ao passo que as ideias são combinadas, de forma livre, criando assim novas ideias sem necessariamente corresponder a impressões passadas, temos uma ideia da imaginação. Portanto, o que vai diferenciar necessariamente estas duas ideias é a força e vividez, é evidente que as ideias da memória sejam mais vivazes e fortes que as da imaginação, porque a memória consegue pintar os objetos em cores bem mais fortes por que as imagens mnemônicas têm maior aproximação com a percepção, como explica Hume, “ao nos lembrarmos de um acontecimento passado, sua ideia invade nossa mente com força, ao passo que, na imaginação, a percepção é fraca e lânguida” (T, Livro I, Parte I, Seção III, p. 33). A questão da força e vividez nem sempre é clara ao que se refere a determinar se a ideia é da memória ou da imaginação, isto porque uma lembrança pode tornar-se tão fraca que pode ser compreendida como uma ideia da imaginação, e uma ideia da imaginação pode ser tão forte e vivaz que pode ser compreendida como uma ideia da memória.

[...] uma ideia da memória, ao perder sua força e vividez, pode degenerar a ponto de ser tomada por uma ideia da imaginação, assim também, em contrapartida, uma ideia da imaginação pode adquirir tal força e vividez que chega a passar por uma ideia da memória, simulando seus efeitos sobre a crença e o juízo. Isso pode ser notado no caso dos mentirosos, que, pela frequente repetição de suas mentiras, acabam finalmente por acreditar nelas, e lembram-se mesmo delas com realidade (T, Livro I, Parte III, Seção V, p. 115).

Uma coisa que parece bastante curiosa é o fato de Hume nesta passagem explicar como as ideias da imaginação conseguem tornar-se tão fortes e vivazes que podem ser confundidas com uma ideia da memória. Hume também destaca que a imaginação tem uma característica peculiar, ela pode associar e desassociar ideias, é por meio deste associar e desassociar que conseguimos criar fábulas, cavalos alados, dragões que cospem fogo, gigantes monstruosos, fadas entre outros. No Livro II, Parte I, Seção IX, intitulado “*Da conexão ou associação das ideias*”, Hume irá explicar que esta associação, ou união entre as ideias não deve ser pensada como completamente inseparável, assim como não devemos pensar que a mente não pode juntar duas ideias, e a explicação dada para esta compreensão é que:

[...] nada é mais livre que essa faculdade. Devemos vê-lo apenas como uma força suave, que comumente prevalece, e que é causa pela qual, as línguas se

correspondem de modo tão estreito umas as outras: pois a natureza de alguma forma aponta a cada um de nós as ideias simples mais apropriadas para serem unidas (T, Livro I, Parte I, Seção IV, p. 34-35).

Segundo o pensamento humeano, as qualidades que vão dar origem a esta associação entre as ideias e que tornam possível este associar e desassociar são três: semelhança, contiguidade e causa e efeito. Observaremos agora como Hume explica cada uma dessas qualidades associativas entre as ideias:

Está claro que, no curso de nosso pensamento e na constante circulação de nossas ideias, a imaginação passa facilmente de uma ideia a qualquer outra que seja *semelhante* a ela; tal qualidade, por si só, constitui um vínculo e uma associação suficiente para a fantasia. É também evidente que, como os sentidos, ao passarem de um objeto a outro, precisam fazê-lo de modo regular, tomando-os em sua *contiguidade* uns em relação aos outros, a imaginação adquire, por um longo costume, o mesmo método de pensamento, e percorre as partes do espaço e do tempo ao conceber seus objetos. Quanto a conexão feita pela relação de *causa e efeito* [...]. Basta observar que nenhuma relação produz uma conexão mais forte na fantasia (T, Livro I, Parte I, Seção IV, p. 35, grifos do autor).

As ideias da imaginação conseguem juntar-se e separar-se mais facilmente quando as ideias são mais parecidas, esta qualidade de semelhança entre estas ideias são suficientes para que elas criem um vínculo entre si. Como os sentidos podem passar de um objeto a outro de maneira comum, a imaginação consegue ver uma proximidade entre estes objetos e por este motivo consegue construir um costume de que no tempo e no espaço estes objetos estão juntos. Ao que se refere a causa e o efeito, para Hume esta é a qualidade associativa que consegue proporcionar uma conexão mais forte na fantasia. Para Hume, dentre as três qualidades associativas mencionadas a de causalidade é a que tem maior extensão, porque nas outras circunstâncias a cada junção e separação de ideias, a relação que existe entre elas vai se enfraquecendo, mas no caso da causa e efeito este enfraquecimento não ocorre, Hume explica isto com o seguinte exemplo:

Primos de quarto grau são conectados pela causalidade, mas não de modo tão estreito quanto irmãos, e menos ainda que uma criança e seus pais. Podemos observar, de maneira geral, que todos as relações de parentesco consanguíneo dependem da relação de causas e efeito, sendo consideradas próximas ou remotas segundo o número de causas interpostas entre as pessoas por elas conectadas. Dentre as três relações acima mencionadas, a de causalidade é a de maior extensão (T, Livro I, Parte I, Seção V, p. 35-36).

Dentre as relações associativas, a da causalidade é mais forte, pois quando os objetos são conectados pela causalidade apesar de em muitos casos os objetos estarem

próximos ou não, a relação causal não será enfraquecida ou aniquilada. No Livro I, Parte II, Seção VI, intitulada “*Da inferência da impressão à ideia*”, Hume vai explicar que a associação de ideias formada pela imaginação de acordo com a causalidade será fundada pela experiência, por este motivo esta relação é mais forte. Por meio de várias experiências a mente compreende que determinados objetos e eventos causariam determinados efeitos, o hábito e o costume surgem por consequência dessas repetições, por exemplo: quando pensamos na ideia de fogo teremos a impressão da fumaça ou quando houver fumaça teremos a impressão de fogo, desta maneira a mente compreende que este evento tem uma conexão necessária. E por ter essa conexão necessária, quando a ideia de fogo surgir, a mente será levada a impressão de fumaça, por esta razão a mente conceberá esta ideia com mais força e vivacidade (T, Livro I, Parte II, Seção VI, p. 116).

Acreditamos que é desta forma que as ideias da imaginação, que são relacionadas pela causalidade, tornam-se tão fortes e vivazes ao ponto de serem compreendidas como reais, e não como apenas ideias da imaginação ou fantasia, como explica Hume no caso dos mentirosos que por recorrentemente repetirem suas mentiras acabam “finalmente por acreditar nelas, e lembram-se mesmo delas como realidades. Neste caso, como em muitos outros, o costume e o hábito exercem sobre a mente a mesma influência que a natureza, fixando a ideia com igual força e vigor” (T, Livro I, Parte III, Seção VI, p. 115). Acreditamos que este seja o caso dos supersticiosos e entusiastas. Os supersticiosos, por sempre estarem associando os seus males à existência de agentes ocultos, acabam acreditando que realmente eles existem, assim como ocorre com os entusiastas que, por se acharem superiores aos outros e especiais, acreditam que fazem contato direto com tais agentes ocultos.

1.4 A ignorância

A ignorância é um dos conceitos humeanos que perpassa quase todas as suas obras que tratam de forma direta ou indiretamente sobre a religião. Investigaremos a sua origem e pretendemos compreender o porquê de Hume a utilizar ao tratar da causa da superstição e do entusiasmo. Apesar de sempre utilizar o termo “ignorância” Hume não dedicou uma seção ou uma parte de suas obras para explicar este termo, mas a partir de uma investigação em sua obra *Tratado da natureza humana*, Livro I, Parte IV, Seção VII, intitulada “*Conclusão deste livro*”, encontramos que, segundo sua interpretação, os

homens podem ser considerados ignorantes por não saberem as “conjunções mais usuais de causa e efeito” (T, Livro I, Parte IV, Seção VII, p. 299). A causa e o efeito tem por fundamento as experiências, visto que são o único meio pelo qual a mente poderia ter um conhecimento sobre os objetos. Logo, por não terem ou não darem a atenção necessária a estas experiências, os indivíduos não podem compreender a existência das conexões causais que o entendimento produz sobre os eventos, circunstâncias e objetos⁶.

Acreditamos que além desta forma de ignorância das conjunções causais existem outras duas formas, na qual os indivíduos podem ser considerados ignorantes. A segunda forma se destina ao fato de que nunca os ignorantes tiveram uma percepção sobre a existência da coisa, por exemplo: uma criança que a pouco tempo tenha nascido pode ser considerada ignorante em relação a existência de todas as coisas do mundo, já que não teve qualquer percepção de suas primeiras experiências. Neste caso, a criança por não ter nenhum tipo de percepção sobre as coisas não consegue formar nenhum tipo de conhecimento sobre elas, e por esta razão pode ser denominada ignorante. Se analisarmos o caso desta criança que não teve nenhuma experiência sobre as coisas, a partir da primeira forma de ignorância, sem dúvidas ela pode ser considerada ignorante, já que as conjunções de causa e efeito são fornecidas pelas experiências, e por não ter nenhum tipo de experiência seu entendimento jamais conseguirá produzir qualquer conjunção causal.

A terceira forma de ignorância encontrada em nossa investigação refere-se à criação de uma relação causal não existente. Acreditamos que esta terceira forma de ignorância seja a que Hume utilizou para explicar o porquê de os indivíduos tornarem-se religiosos. O fato de não terem o conhecimento de algumas causas que se apresentam como desconhecidas, ou pelo simples fato de nunca ter experienciado determinados eventos, conduz os indivíduos a um completo estado de aflição e insegurança e por esta razão são capazes de criar uma relação causal que não existe, com o intuito de preencher este espaço vazio que deveria ser preenchido pelas experiências. Para deixar mais claro como chegamos à compreensão desta terceira forma de ignorância, basta olharmos para as religiões. Segundo o filósofo, as religiões não nasceram de uma admiração pela natureza, mas de uma preocupação em relação aos

⁶ Sobre a origem e fundamentação das experiências em Hume (impressões e ideias) ler *As Origens do método humeano* (2022).

acontecimentos da vida juntamente com as paixões de esperança e medo, que a mente humana consegue ser influenciada.

Os sentimentos têm o poder de levar a mente a acreditar na existência de um poder invisível, e ao que se refere sobre esta existência, as paixões de medo e esperança são as que o filósofo destaca ter uma das maiores influências sobre esta existência. Isto ocorre porque, diante da ignorância sobre as causas desconhecidas, seres e universo, os indivíduos são tomados pelas paixões de medo e esperança e em busca de sanar suas aflições acabam criando divindades para que possam aplicar sobre elas a responsabilidade de tais causas. Em razão disto: “Não é surpreendente, então que o homem, absolutamente ignorante das causas, e ao mesmo tempo tomado por tamanha ansiedade quanto ao futuro destino, reconheça imediatamente que depende de poderes invisíveis” (HUME, 2005, p. 37).

Em nossa interpretação, esta terceira forma de ignorância é o que ocorre na superstição e no entusiasmo, pois para preencher a falta de conhecimento das causas desconhecidas, os supersticiosos e entusiastas acreditam que a divindade seria a causa de seus males, eles criam causas não existentes. Estes indivíduos, por serem ignorantes, compreendem que a divindade é a causa de todos os males que os assombram e o efeito da fúria desta divindade é o que traz à sociedade as doenças, as tempestades, os tsunamis, a perda de seus bens, assim como a morte. Por serem afetados pelas paixões violentas de medo e esperança, e terem uma imaginação repleta de concepções que não condizem com a realidade, ou seja, uma ignorância, a mente dos indivíduos é sujeita a certos temores e presunção. Por causa destas circunstâncias, estes indivíduos supersticiosos e entusiastas manifestam-se na sociedade de acordo com o estado em que a mente se encontra. Para esclarecermos como ocorrem essas manifestações na sociedade, investigaremos se estas manifestações são distintas, e caso sejam, o que poderia diferenciar a manifestação entusiasta da manifestação supersticiosa.

2 As manifestações do entusiasmo e da superstição

A mente por estar sujeita a alguns terrores e aflições, que surgem a partir de situações infelizes como a perda de um bem, uma saúde debilitada, uma profunda melancolia, a morte, entre outros, fica repleta de medo. Por causa de todas essas circunstâncias, a mente receia infinitos males que lhe pareça desconhecidos e criam na imaginação agentes desconhecidos que podem ser responsáveis por tais males.

[...] ainda da decorrência de todas essas circunstancias. Nesse estado da mente, receiam-se infinitos males desconhecidos, de agentes desconhecidos. Na ausência de reais objetos de terror a alma, agindo em seu próprio prejuízo e fomentando sua inclinação predominante, descobre objetos imaginários de um poder e malevolência sem limites (HUME, 2008, p. 51).

O que o filósofo quer explicar é que a mente, quando aflita, acaba criando objetos imaginários para que possam justificar seus medos e aflições e por este motivo a alma é conduzida por meio da imaginação a criar agentes desconhecidos, e atribui a eles um grande poder e crueldade. Estes agentes são completamente inexploráveis, invisíveis e misteriosos. Por terem tais características, os indivíduos praticam métodos nos quais acreditam serem adequados para aplacar estes agentes. Mesmo sendo métodos completamente absurdos, acreditam que podem por determinadas práticas controlar os fenômenos da natureza, o destino, a relação entre os indivíduos no meio social e entre outros. Os indivíduos com o objetivo de ter total controle fazem uso destes métodos por acreditarem que por meio dessas práticas conseguiriam ter controle total e absoluto sobre a totalidade do mundo interno e externo. Estes indivíduos que se utilizam de tais práticas são chamados de supersticiosos. Hume explica estes métodos da seguinte maneira:

[...] como esses inimigos são inteiramente invisíveis e desconhecidos, assim também são incompreensíveis os métodos para apaziguá-los, consistindo em cerimônias, rituais, penitências, sacrifícios, oferendas ou em qualquer outra prática, absurda ou frívola, que a insensatez ou embuste recomende a uma credulidade cega e aterrorizada (HUME, 2008, p. 51).

Cerimônias, constantes adorações, severas penitências, sacrifícios completamente absurdos, uso de talismãs, simpatia, isolamento da sociedade para prática de cerimônias, nossas conhecidas superstições são facilmente aderidas por uma mente assolada por paixões fortes como o medo acompanhado de uma *convicção sem base teórica ou científica alguma*. Elementos que são exatamente as causas da superstição como havíamos exposto acima, a saber: medo, fraqueza juntamente com uma ignorância.

Na outra experiência religiosa, o entusiasmo, a mente encontram-se sujeita a uma incompreensível exaltação e exuberância, que surgem de concepções de grandeza, presunção e de um caráter ousado e confiante. Quando o indivíduo se encontra neste estado, a sua imaginação fica repleta de concepções grandiosas acerca de si mesmo de tal maneira que o ideal pensado para si mesmo não encontra correspondência na vida

mundana. Exatamente por não encontrar esta correspondência que a imagem criada de si mesmo tem total liberdade para esvaír-se a tudo que a imaginação potencialmente pode alcançar. O desprezo pelo mundano é devido ao fato de que tudo que faz parte da realidade é visto por estes indivíduos como passageiro, pouco importante e por serem vistas desta forma, acreditam que tais coisas não merecem sua atenção ou dedicação. O que pode ser comprovado com a seguinte passagem:

Neste estado da mente, a imaginação é inflada por concepções grandiosas, mas confusas, às quais não pode corresponder beleza ou contentamento sublunar algum. Tudo que é mortal e perecível se esvai, como indigno de atenção. A fantasia pode correr solta nas regiões invisíveis ou no mundo dos espíritos, onde a alma está livre para se entregar a qualquer imaginação que convenha melhor ao seu presente gosto e disposição (HUME,2008, p. 52).

A imaginação neste caso encontra-se tão presunçosa que consegue mergulhar em uma completa fantasia, que ganha tamanha força e vividez que passa a ser considerada tão real que faz os indivíduos aplicarem sobre ela sua total atenção. Por este motivo as coisas reais são deixadas de lado. Segundo Hume, é a partir destes voos que escapam à compreensão humana que os entusiastas:

[...] derivam uma série de arrebatamentos, [...] tais arrebatamentos ainda mais aumentados, pela confiança e presunção, devido a serem inteiramente incompreensíveis, e por parecerem estar muito além do alcance de nossas faculdades normais, sendo atribuídos à inspiração imediata daquele ser divino que é objeto de devoção (HUME,2008, p. 52).

As imagens fantásticas que eles produzem de si mesmos de que estão separados do restante da humanidade cria a crença de que são seres especiais, escolhidos ou tocados pela divindade de que possuem acesso direto a ela e de que é o porta voz responsável por comunicar ao restante do mundo o que a divindade a revela. Logo, estes indivíduos acreditam que por serem tocados pela divindade são privilegiados, e por este motivo passam a tornar sagrado qualquer uma de suas extravagâncias. Em razão disto, que os entusiastas, quando em êxtase, rejeitam os raciocínios e a moralidade e os compreende como enganosos. Como Hume expressa de maneira explícita na seguinte passagem: “Dentro de pouco tempo, a pessoa inspirada passa a considerar-se distinguida pelo favoritismo da Divindade e, uma vez consumado esse frenesi que é o apogeu do entusiasmo, passa-se a consagrar toda espécie de capricho” (HUME, 2008, p. 52).

É visível que a paixão associada ao entusiasta como orgulho e presunção está perfeitamente presente na descrição humeana do fenômeno do entusiasmo. Quando o entusiasta se sente melhor, especial, superior ao restante dos seres humanos é notório que a paixão que domina é a presunção e/ou orgulho. Como o entusiasta, na esfera da imaginação, cria suas fantasias sem correspondência com o mundo, é perceptível que sua ignorância é aquela em que a relação causa e efeito é inventada. Assim, temos aqui os elementos que são a causa do entusiasmo a saber; as paixões de presunção, orgulho, esperança juntamente com uma ignorância.

As formas nas quais os supersticiosos e entusiastas se manifestam na sociedade são completamente distintas: na superstição, por medo e ignorância, suas práticas são cerimônias, sacrifícios, oferendas, clamores sem fim, entre outros. No caso dos entusiastas, por sua mente estar completamente focada naquilo que não é condizente com a realidade, se acham melhores que todas as coisas, sejam elas coisas materiais sejam até mesmo os outros indivíduos ao seu redor. Segundo a interpretação humeana, os efeitos da superstição e do entusiasmo são muito nocivos à sociedade. Segundo Dias, o homem ao viver em sociedade é capaz de suprir suas necessidades, garantir sua felicidade e tranquilidade:

Apenas em sociedade o homem é capaz de suprir suas deficiências e sua fragilidade e se tornar igual às outras criaturas da natureza e de adquirir superioridade sobre elas. A sociedade é, assim, multiplicação da força do homem. Aumento de potência, meio para satisfação das necessidades, correção da debilidade do homem, a sociedade é pensada, por ele, positivamente. E acrescenta que por isso a sociedade “nos deixa mais satisfeitos e felizes”. A sociedade aumenta nossa potência pela conjugação de forças. O interessante é que a sociedade antes de ser um meio de limitação da potência humana é uma fonte de multiplicação da potência pela articulação e combinação das forças entre os homens (DIAS, 2021, p. 138).

Mas se este é o caso, o que poderia ocorrer com os indivíduos supersticiosos e entusiastas? Investigaremos quais são os efeitos das ações supersticiosas e entusiastas e destacaremos porquê tais efeitos são tão prejudiciais.

2.1 Os efeitos da superstição e do entusiasmo sobre as ações

Por estar associado às paixões de medo, tristeza, melancolia, o indivíduo supersticioso é completamente autodepreciativo: acham-se seres completamente desprezíveis, desta forma encontram-se sempre em um estado de baixa autoestima aos seus próprios olhos e se veem como seres indignos de ter qualquer tipo de contato com

sua divindade. Em suas orações costumam dizer que não são merecedores, que o castigo é bem-vindo e que é natural que os sobrevenha, carregando uma culpa na qual nunca se liberta e que o amor da divindade só é alcançado pela sua autopunição. O feito da superstição sobre os indivíduos os condiciona a serem seres infelizes, qualquer circunstância os deixa em um estado de completa aflição, atormentados tornam-se seres acanhados, envergonhados, retraídos, tímidos, diminuídos e insuficientes. Por acreditarem que todos esses adjetivos são os que lhes representam, os supersticiosos acreditam que precisam de um indivíduo que o faça, mas não poderia ser qualquer indivíduo, é necessário que seja aquele cuja vida é dedicada à santidade, pois esta seria a única maneira pela qual a divindade o escutaria e o beneficiaria. Como explica Hume:

[...] outra pessoa cuja santidade de vida, ou talvez impudência e astúcia, fez supostamente dela alguém mais favorecido pela *divindade*. Os supersticiosos confiam a ele a sua devoção, deixam suas preces, súplicas e sacrifícios aos cuidados dele, e esperam que, por intermédio dele, seus pedidos se tornem aceitáveis para a incensada *deidade*. Eis a origem dos *sacerdotes*, que podem ser justamente considerados invenção de uma superstição medrosa e abjeta, a qual, sempre desconfiada de si mesma, não ousa dar a própria devoção em oferenda, mas, em sua ignorância, pensa em pedir proteção à *divindade* pela mediação dos supostos amigos e servidores dela (HUME, 2008, p. 52-53, grifo do autor).

A superstição não se encontra apenas no catolicismo, ela pode ser encontrada em quase todas as religiões, até mesmo nas mais fanáticas, e o motivo pelo qual leva o filósofo a ter esta compreensão é que, segundo sua interpretação, “em quase todas as seitas religiosas se verifica a presença de padres”, ou de um indivíduo cuja divindade a toca “[...] quanto maior for a mistura de superstição, mais alta será a autoridade do sacerdócio” (HUME, 2008, p. 53). A superstição torna os homens mansos, obedientes, submissos e escravos de sua devoção, e por ser escravo aceita a autoridade sacerdotal, porém o sacerdote torna-se um tirano e perturbador da sociedade quando percebe que o indivíduo já está totalmente submisso as suas ordens⁷, causando assim vários perseguições e guerras religiosas. Como verificamos na passagem seguinte:

A superstição [...] se insinua gradual e insensatamente; torna os homens dóceis e submissos; é aceitável para o magistrado e parece inofensiva para o povo; até que, por fim, tendo estabelecido firmemente sua autoridade, o sacerdote se torna tirano e perturbador da sociedade humana, com suas intermináveis contendas, perseguições e guerras religiosas (HUME, 2008, p. 55).

7

Fazer os indivíduos tornarem-se escravos de uma divindade, submetê-los a uma cega obediência aos sacerdotes e perturbar a harmonia social, com discussões, guerras, perseguições é sem dúvida o efeito pernicioso e corruptivo da superstição. Já no caso do entusiasmo, por ser fundado a partir de uma vivacidade no espírito e em uma presunçosa ousadia de caráter, leva os indivíduos à convicção de que estejam recebendo iluminações divinas. Por orgulho e presunção consideram-se superiores, acreditam que são suficientemente qualificados para comunicar-se com a divindade, e que não precisam de qualquer mediação humana. O êxtase e devoção dos entusiastas são tão fervorosos que em sua imaginação, eles conseguiriam aproximar-se da divindade por meio de suas contemplações e conversas interiores, sem que precisassem de qualquer tipo de cerimônia ou ritual, como explica Hume:

Seus raptos de devoção são tão fervorosos que chega a imaginar que *se aproxima realmente* dela pela via da contemplação e da conversa interior. Por isso, não levam em conta todas aquelas cerimônias e ritos externos, nos quais a intercessão dos sacerdotes parece tão necessária aos olhos dos devotos supersticiosos (HUME, 2008, p. 54, grifo do autor).

Por acreditarem que são tocados por sua divindade, o entusiasta consagra a si mesmo e atribui à sua própria pessoa um caráter sagrado “muito superior àquele que as formalidades e cerimônias podem conferir a quaisquer outras pessoas” (HUME, 2008, p. 54). Os entusiastas são destruidores dos poderes eclesiásticos, e por terem um temperamento arrogante e ambicioso sua alma é naturalmente acompanhada por um espírito de liberdade, como elucida Hume: “o entusiasmo é destruidor de todo poder eclesiástico, [...] Sem mencionar que o entusiasmo, enfermidade dos temperamentos arrojados e ambiciosos, é naturalmente acompanhado de um espírito de liberdade” (HUME, 2008, p. 55). Por terem um espírito de liberdade, compreendida de maneira equivocada, os entusiastas tem desprezo pelas regras da razão, moralidade, prudência e ética, por este motivo praticam as mais perversas desordens na sociedade:

[...] o entusiasmo, sendo fundado em espíritos fortes e numa suposta robustez de caráter, leve às resoluções mais extremas, especialmente quando atinge uma altura capaz de inspirar no fanático iludido a opinião de que tem iluminações divinas e um desprezo pelas regras comuns da razão, da moralidade e da prudência. É assim que o entusiasmo produz as desordens mais cruéis na sociedade humana (HUME, 2008, p. 54).

A fúria dos entusiastas é tão grotesca e impiedosa que o filósofo a compara com a das tempestades e trovões, mas apesar de devastadora, ela logo se esvai e não

dura muito tempo, e por não existir nenhuma cerimônia ou autoridade que os forcem a permanecer neste estado de completa fúria, logo ela é sucumbida.

Sua fúria é como a do trovão e da tempestade, que se exaurem rapidamente e deixam o ar mais calmo e sereno. Quando o primeiro fogo do entusiasmo se extingue, os homens, em todas as seitas fanáticas, naturalmente mergulham no maior descaso e frieza em relação aos assuntos sagrados, pois não há nenhum grupo, com autoridade suficiente, que tenha interesse em sustentar o espírito religioso, nenhum rito, cerimônia ou dever sacro que faça parte do curso comum da vida e impeça os princípios sagrados de cair no esquecimento (HUME, 2008, p. 54-55).

Fazer os indivíduos tornarem-se ambiciosos, arrogantes, agressivos, cruéis e perturbadores da harmonia e paz social é sem dúvida os efeitos mais cruéis do entusiasmo. Hume identifica as manifestações dos supersticiosos e entusiastas a partir de fatos históricos, acreditamos que ele esteja advertindo os reais efeitos do entusiasmo e da superstição⁸.

3 Comprovação histórica

Antes de destacar quem a partir da história inglesa são considerados supersticiosos e entusiastas, Hume ressalta como a causa da superstição e do entusiasmo, apesar de opostas, são muito parecidas ao que se referem aos danos que causam à sociedade. Como elucidamos:

Enquanto a superstição geme sob o domínio dos sacerdotes, o entusiasmo é destruidor de todo pode eclesiástico, [...]. Sem mencionar que o entusiasmo, enfermidade dos temperamentos arrojados e ambiciosos, é naturalmente acompanhado de um espírito de liberdade, assim como, ao contrário, a superstição torna os homens dóceis e abjetos, predispondo-os à escravidão (HUME, 2008, p. 55, grifo do autor).

Hume observa que na história inglesa haviam dois partidos políticos que se encaixavam perfeitamente em suas concepções do que é a superstição e o entusiasmo. Seu objetivo ao descrever estes dois partidos era explicar aos seus leitores que sua interpretação sobre as duas espécies corruptivas da religião poderia ser comprovada a partir das observações e dos fatos históricos. O filósofo afirma que durante as guerras civis, os independentes e os deístas eram completamente opostos em seus princípios religiosos, mas em seus princípios políticos eram bastante parecidos e sua paixão pela

⁸ Para compreendermos porque as ações supersticiosas e entusiastas são malélicas para a sociedade, ler a obra *Conceito de criação social em Hume* (2021), na qual vai explicar de maneira clara o que fundamenta as ações virtuosas em Hume.

república era a mesma, os deitas faziam parte do partido político *whig*, já os independentes faziam parte do partido político *tory*. No ensaio *Da superstição e do entusiasmo*:

A história inglesa nos ensina que, durante as guerras civis, os *independentes* e os *deitas*, embora os mais opostos em seus princípios religiosos, se uniam em seus princípios políticos e nutriam uma mesma paixão pela república. Desde o surgimento dos partidos *whig* e *tory*, todos os líderes dos *whigs* foram *deístas* ou professos *latitudinários* em seus princípios, ou seja, amigos da tolerância e indiferentes a qualquer seita *cristã* particular, enquanto os *sectários*, todos com fortes tintas de entusiasmo, sempre concorreram, sem exceção, com esse partido para a defesa da liberdade civil. Há muito tempo que a semelhança entre suas superstições uniu os *tories* do alto clero aos *católicos romanos* na defesa da prerrogativa e do poder real (HUME, 2008, p. 55-56, grifo do autor).

Segundo Hume, os *tories* e *whigs* eram opostos em seus princípios religiosos, porque os *tories* tinham como característica a obediência passiva e uniam-se aos *católicos romanos*, já os *whigs* eram amantes da liberdade e eram indiferentes a qualquer seita *cristã* particular. Entretanto, apesar de distintos em relação aos seus princípios religiosos, os dois partidos se uniam em seus princípios político. Apesar de parecerem contraditórios os *tories* eram obedientes à monarquia ao mesmo tempo que eram amantes da liberdade, e os *whigs* apesar de serem amantes da liberdade, não renunciavam à monarquia. No ensaio “*Dos partidos da Grã-Bretanha*”:

Numa comparação dos partidos *whigs* e *tory*, a diferença mais evidente que se nota entre eles reside nos princípios de *obediência passiva* e de *direito irrevogável*, dos quais poucas vezes se falava entre os cavaleiros, mas que se tornaram a doutrina universal e foram considerados como a verdadeira característica dos *tories*. [...] um *tory* pode ser definido como em poucas palavras, desde a *revolução*, como *um amante da monarquia, embora sem renunciar à liberdade; e um partido da família Stuart*. Tal como um *whig* pode ser definido como *um amante da liberdade, embora sem renunciar à monarquia, e um partidário da consolidação da linha protestante* (HUME, 1989, p. 229, grifos do autor).

Para o filósofo, a causa e o efeito da superstição e do entusiasmo podem ser observados na história inglesa, assim como foi na França com os *molinistas* e *jansenistas*. De muitas controvérsias que são articuladas sobre estas duas seitas, o que deve ser destacado como importante é a distinção que há entre os espíritos de suas religiões, como explica Hume:

Molinistas e *jansenistas* mantêm na França milhares de controvérsias ininteligíveis e indignas da reflexão de um homem sensato. O que distingue principalmente essas duas seitas, e somente merece atenção, é o diferente

espírito de sua religião. Os *molinistas*, conduzidos pelos *jesuítas*, são grandes amigos da superstição, observam rigorosamente a celebração de formalidades e cerimônias e se submetem à autoridade dos sacerdotes e da tradição. Os *jansenistas* são entusiastas, zelosos promotores da devoção passional e da vida interior e se deixam influenciar pouco pela autoridade (HUME, 2008, p. 56, grifos do autor).

O que Hume quer chamar atenção nesta passagem é que, conforme suas observações da história do Reino Unido apontam, os partidos ingleses dos *whigs* e *tories* tem na França seus correspondentes. Os molinistas eram influenciados pelos jesuítas, e por isso praticavam cerimônias, rituais e penitências, além de se submeterem ao poder sacerdotal, eram os supersticiosos. Já os jansenistas eram entusiastas, pois acreditavam em uma devoção irracional pautada em uma contemplação e inspiração, e não levavam em consideração ou eram influenciados pela autoridade.

Conclusão

Concluimos com o término da presente investigação o porquê dos indivíduos, quando afetados por determinadas paixões tais como: medo, melancolia, angústia, no caso da superstição, esperança, orgulho e presunção, no caso do entusiasmo, acompanhadas por uma ignorância agem de maneira contrária aos princípios morais e éticos da sociedade. A consequência perniciosa e corruptiva da superstição e do entusiasmo, tornam os indivíduos escravos e perturbadores da harmonia social, levando-os à praticas completamente incoerentes, ocasionando: ambições, guerras, perseguições, escravidão, punições, dentre outros, tais ações não contribuem para o crescimento pessoal, além de pouco ajudar nas relações sociais. Tendo em vista os resultados de nossa pesquisa, é necessário sabermos se além de afetar a moralidade, a superstição e entusiasmo, podem ser responsáveis pela cisão que ocorre entre os indivíduos na sociedade, exemplo disso temos os indivíduos dos partidos *whigs* e *tories*. Para isso devemos investigar mais a fundo, a partir do ensaio humeano: “*Dos partidos da Grã-Bretanha*” se é o caso a superstição e o entusiasmo serem os responsáveis pela cisão que ocorre entre os indivíduos na sociedade.

Referências

BAILLIE, James. *Hume on Morality*. London: Routledge, 2000.

BAILEY, Alan. *The Continuum Companion to Hume*. London: Continuum International Publishing Group. 2012.

BEAUCHAMP, Tom L. *A Dissertation on the Passions the Natural History of Religion*. United States: Oxford University Press Inc, 2007.

BOTROS, Sophie. *Hume, Reason and Morality*. Milton Park: Routledge. 2006.

BRICKE, John. *Mind and Morality: An Examination of Hume's Moral Psychology*. Oxford: Clarendon Press.1996.

DIAS CARVALHO, J. Conceito de criação social em Hume. *Kalagatos*, [S. l.], v. 5, n. 9, p. 129–155, 2021. DOI: 10.23845/kalagatos.v5i9.5881. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/5881>. Acesso em: 7 fev. 2025.

EARMAN, John. *Hume's Abject Failure, The Argument Against Miracles*. New York: Oxford University Press, 2000.

FIDELIS, L.; ARAGÃO, M. As Origens do método humeano. *Polymatheia - Revista de Filosofia*, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 77–93, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistapolymatheia/article/view/8506>. Acesso em: 7 fev. 2025.

FILHO, Arlindo P. A teoria política de David Hume: breves considerações sobre os ensaios políticos. Vitória, ES: *Almanaque de ciência política*, vol,3, n.1, p. 01-23, 2019. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/alm_anaque/article/view/26706/18370

FONSECA DE OLIVEIRA, M. Will and liberty in Hume and Berkeley. *Polymatheia - Revista de Filosofia*, [S. l.], v. 12, n. 20, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistapolymatheia/article/view/5775>. Acesso em: 7 fev. 2025.

HUME, David. *A arte de escrever ensaio (morais, políticos e literários)*. São paulo: Iluminuras Ltda, 2008.

HUME, David. *História natural da religião*. São Paulo: Editora UNESP. 2005.

HUME, David. *Investigação acerca do entendimento humano*. São Paulo: Nova Cultura, 1989.

HUME, David. *Tratado da natureza humana*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

MARKIE, J.L. *Hume's Moral Theory*. London: Routledge,1980.

MASCARENHAS, Rogério. *A teoria das paixões na filosofia de David Hume*. Orientador: Daniel Tourinho Peres, 2005, 98 f. Dissertação (Mestrado): pós-graduação em filosofia, UFBA, Universidade Federal da Bahia, 2005.

NORTON, Fate David. *The Cambridge Companion to Hume*. New York: Cambridge University press, 1993.

O'CONNOR, David. *Hume on Religion*. London: Routledge, 2001.

RIDGE, Michael. Epistemology Moralized: David Hume's Practical Epistemology. *Hume Studies*, N° 29, Vol. 2, p. 165–204. 2003.

ROCHA BERNARDI, M.; FAGUNDES, I. São os Seres Humanos robôs humeanos? GÉNOVA, Gonzalo; NAVARRO, Ignácio - "Are Human Beings Humean Robots?". *Kalagatos*, [S. l.], v. 19, n. 2, p. eK22028, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/8434>. Acesso em: 3 fev. 2025.

SETIYA, Kieran. *Practical Knowledge, Selected Essays*. United States: Oxford University Press, 2017.

TAYLOR, Jacqueline. *Reflecting Subjects Passion, Sympathy, and Society in Hume's Philosophy*. Reino Unido: Oxford University Press, 2015.

TRAIGER, Saul. *The Blackwell Guide To hume's Treatise*. Australia: Blackwell Publishing, 2006.